

Escavações discursivas sobre a imagem visual em *Ação cultural para a liberdade*

Discursive excavations on the visual image in *Cultural action for freedom*

Erenildo João Carlos¹

Resumo: A sociedade contemporânea registra a presença irrefutável da imagem visual em diversos espaços sociais e áreas de conhecimento. Tal acontecimento sugere que vivemos sob o marco de uma ‘civilização da imagem’. Emerge do conhecimento desse fato a vontade de saber como essa questão aparece no âmbito do discurso da educação popular, em particular, no legado freireano. Nesse sentido, o presente texto registra um exercício de análise do enunciado da imagem visual em funcionamento nos escritos de Paulo Freire. O livro *Ação cultural para a liberdade* é o texto-fonte dessa incursão, e a *Análise Arqueológica do Discurso – AAD*, desenvolvida por Michael Foucault, em suas pesquisas de juventude e sistematizada em seu clássico livro *A arqueologia do saber*, é a abordagem teórico-metodológica empregada. Os achados resultantes dessa escavação apontam que a imagem visual aparece como um modo particular da linguagem em geral, tecida a partir de alguns domínios enunciativos, dentre os quais, o ontológico, o sociopolítico e o educativo, que funcionam como regras que condicionam as possibilidades do modo como Paulo Freire aborda a imagem visual, ao empregá-la em suas práticas de alfabetização de jovens e adultos na América Latina, como o Brasil, por exemplo.

Palavras-chave: Discurso; Imagem Visual; Paulo Freire; Educação Popular.

Abstract: Contemporary society registers the irrefutable presence of the visual image in many social spaces and knowledge areas. Such happening suggests that we live under the mark of an ‘image civilization’. From the acknowledgement of this fact, emerges the willing of knowing how this issue appears in the popular education discourse ambit, in particular, in the Freirean legacy. In this sense, the current text registers a visual image’s statement analysis exercise, in function to Paulo Freire’s writings. The book *Ação cultural para a Liberdade (Cultural Action for freedom)* is the source text to this incursion, and the *Archeological Analysis of Discourse – AAD*, developed by Michael Foucault in his youth researches and systematized in his classical book *The archeology of knowledge*, is the theoretical-methodological approach used. The findings resulted from this digging point that the visual image appears as a particular way of language in general, woven from some enunciative domains, among which, the ontological, the socio-political, and the educative, that work as rules that condition the possibilities of Paulo Freire’s way of approaching the visual image, in using them in his alphabetization practices among youth and adults in Latin America, for example in Brazil.

Keywords: Discourse; Visual Image; Paulo Freire; Popular Education.

¹Pedagogo; Dr. em Educação; Professor da Graduação e Pós-graduação em Educação da UFPB, lotado no Departamento de Fundamentação da Educação do Centro de educação, Campus I; Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos – GEPEJA. E-mail: erenildojc@gmail.com.

Introdução

Em certa medida, não seria exagero afirmar que os escritos de Paulo Freire representam um manancial de inspiração para a reflexão cotidiana das pessoas comuns e do cidadão, em geral ou, ainda, e mais precisamente, um parâmetro de investigação sobre o complexo social da educação, das práticas educativas e dos processos sociais de aprendizagem.

O fato é que, de um modo singular e em circunstâncias determinadas, Freire nos inspira, seja porque tenha se interessado e tratado de assuntos que afetam nossa curiosidade pessoal, seja porque suas preocupações também são objetos de nossas ocupações e desejos, de nossas pesquisas e lutas, de nossas atuações profissionais e utopias ideopolíticas atuais.

Pode-se dizer, de certo modo, que a simples constatação desse acontecimento caracteriza-se, por si e em si, como uma motivação para suscitar a curiosidade de saber e de escrever sobre Freire, sobre a importância teórica e prática de sua produção e experiência e sobre o rastro que deixou para a educação popular² e outras práticas educativas, existentes em diferentes espaços da vida societária, acerca das implicações de seu legado em outros domínios do saber teórico-prático, situados no campo das ciências humanas e dos lugares onde atuam profissionais que lidam diretamente com processos formativos.

Quando nos dedicamos a conhecer seu legado e a produção sobre ele, à primeira vista, temos a impressão de que não teríamos muito a acrescentar aos inúmeros comentários, estudos e pesquisas existentes sobre sua vida e obra. Reconhecer esse acontecimento pode suscitar uma série de dúvidas a respeito da pertinência ou não de mais uma investigação sobre seu legado: será que o estudo empreendido é relevante? Será que já investigaram o que temos curiosidade de saber?

A busca de respostas para perguntas como essas exige, sob a ótica tradicional acadêmica, um estudo, comumente denominado de estado da arte ou da questão. Vale salientar que, embora não adote, aqui, essa perspectiva de análise e discussão, tão recorrente em estudos e pesquisas sobre Freire e em outros assuntos, entendo que esse horizonte de investigação é perfeitamente razoável, possível, justificável e necessário. Entretanto, nesse escrito, meu interesse por Freire percorre outro veio de análise ainda não comum. Intenciono conhecer as coisas ditas por ele, concernentes à questão da imagem visual, ou, mais especificamente, ocupo-me em entender a existência e o funcionamento do discurso pedagógico no seio do qual aparecem a questão da imagem visual e o modo como ela é anunciada e abordada em seus escritos.

² Considerando que não tenho a intenção de aprofundar a educação popular como uma concepção educativa, sugiro a leitura de: Beisiegel, Celso de Ruy (1984). Ensino Público e Educação Popular. In: Paiva, Vanilda Pereira (Org.). *Perspectivas e dilemas da Educação Popular*. Rio de Janeiro, Graal; Brandão, Carlos Rodrigues (2006). *O que é educação popular?* São Paulo: Brasiliense; e Alcantara, M. A. M.; Carlos, Erenildo João. (2018). Algumas assinalações sobre a educação popular. *Temas em Educação*, 27(1), p. 128-145.

Evidências postas sobre a questão da imagem visual

Alguém poderia perguntar quais seriam as razões do desejo de saber o que está posto na ordem do discurso pedagógico freireano sobre a questão da imagem visual.³ Ao fim e ao cabo, ele se assenta em alguns pressupostos: uns mais gerais, outros, mais específicos.

Chamemos, aqui, de pressupostos as evidências sociais, históricas e culturais da trajetória humana sobre a existência da imagem visual como uma produção específica, plausíveis de serem verificadas. Esses pressupostos caracterizam, de forma genérica e factual, as condições de existência da imagem visual e, conseqüentemente, dos fundamentos da própria curiosidade de saber e conhecer sua particularidade, seu funcionamento e seus possíveis efeitos cotidianos nas pessoas, nos complexos de relações sociais, nas práticas educativas e pedagógicas, nos modos governamentais, civis e mercadológicos de utilizá-la, enfim, nas possíveis coisas ditas e seus usos a respeito da imagem visual, produzidas e colocadas em circulação por meio de diferentes ordens e práticas discursivas e através de distintos suportes, sujeitos e instâncias.

Resumidamente, assinalo três pressupostos sobre a imagem visual, a fim de abordar e conferir inteligibilidade à questão a respeito da qual discuto neste texto. São eles: a imagem visual como parte da sociabilidade humana, a imagem visual como um signo da cultura visual contemporânea e a necessidade de tratar criticamente a presença e os efeitos da imagem visual em diferentes campos do saber e da atuação profissional.

A imagem visual como constituinte da sociabilidade humana

Esse pressuposto denota algo relevante para a existência e o desenvolvimento da humanidade do gênero humano. Isso significa dizer, em primeiro lugar, que a imagem visual é uma evidência exemplar da diferença ontológica entre o ser humano e as outras espécies. Isso porque representa, em seu modo de ser particular, o acontecimento da invenção da cultura e, especificamente, da criação da linguagem, do signo. Como se sabe, o signo, a linguagem e a cultura são produtos da atividade exclusivamente humana, são marcas, assinalações de sua humanidade, ou seja, seu modo próprio de existir. Em segundo lugar, a imagem visual, como uma espécie de artefato cultural singular, contribui, a seu modo, para o registro e a comunicação da memória individual e coletiva da situação de pessoas e grupos sociais. Em terceiro lugar, a imagem visual foi um fator decisivo no desenvolvimento humano, ou seja, ao ser produzida, ao ser aprendida e ao ser utilizada, propiciou, direta ou indiretamente, a feitura do próprio homem, tanto no que tange à formação de seu pensamento e sentimento, quanto ao modo coletivo de conceber, representar, significar, viver e se relacionar com os outros socialmente.

Essas evidências, investigadas e registradas pelos domínios clássicos do saber elaborado, como, por exemplo, a História, a Antropologia, a Semiótica

³ Essa reflexão encontra-se, por exemplo, em análises realizadas em estudos como o de Romão (2010) e o de Carlos e Alcantara (2017).

e a Arte,⁴ tem demonstrado a presença de imagens visuais no rastro da história humana, em diferentes lugares e épocas, exercendo papéis diversos. No entremeio interdisciplinar de informações postas em circulação sobre a imagem visual, tornou-se lugar comum, no saber existente sobre essa questão, a menção às imagens rupestres, encontradas nas cavernas, como uma demonstração desse acontecimento, produzido em tempos longínquos de nossa história por nossos milenares antepassados.

Se considerarmos, por exemplo, o marco do aparecimento da escrita, que foi inventada por volta de seis mil anos atrás, podemos dizer que a imagem visual antecede o acontecimento da escrita e apresenta-se como coadjuvante de seu surgimento, pois estudos apontam que ela apareceu associada ao signo imagético visual, os chamados pictogramas.⁵ Quem lê, por exemplo, a escrita antiga dos egípcios verifica que ela contempla uma diversidade de representações icônicas e simbólicas extremamente relevantes sobre a particularidade da cultura do Egito antigo.

A imagem visual como um signo da cultura visual contemporânea

Esse pressuposto se assenta na evidência irrefutável de que a existência e o funcionamento peculiar da imagem visual foram galgando uma posição relevante na história recente do desenvolvimento das formações sociais e, por isso mesmo, ocupando, de maneira significativa e capilar, diferentes lugares e funções, a ponto de ser erigida como um marco definidor da própria cultura contemporânea, identificada como 'civilização da imagem'.⁶

A assertiva da imagem visual, como um signo da cultura visual contemporânea, é um desdobramento singular do pressuposto mais geral de que a imagem é um constituinte da cultura. A expressão cultura, nesse sentido, configura-se como sendo mais ampla, com um conteúdo semântico que abrange um universo de significados, artefatos e campos compostos por toda a produção humana. Por sua vez, a expressão cultura visual delimita e recorta a cultura geral e restringe-se ao complexo cultural constituído pelo universo de diversas e diferentes visualidades, entre elas, a região específica das imagens propriamente

⁴ Exemplos de estudos sobre a problemática da imagem encontram-se em: Gruzinski, Serge. (2006) *A guerra das imagens: de Cristóvão Colombo a Blade Runner (1992-2019)*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo Companhia das Letras; Eliade, Micea (1991). *Imagens e símbolos. Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. Trad. Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes; e Santaella, Lúcia; NOTH, Winfried. (2000). *Imagem: cognição, semiótica e mídia* (4a ed.). São Paulo: Iluminuras; e Didi-Huberman, Georges. (2013). *Diante da imagem: questão colocada ao fim de uma história da arte*. Trad. Paulo Neves. São Paulo, Editora.

⁵ Sobre a invenção da escrita, ler: Higounet, Charles. (2003). *História concisa da escrita*. (10a ed.). Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo, Parábola.

⁶ Sobre o uso dessa expressão, consultar: Barthes, R. (2005) *Civilização da imagem*. In: *Inéditos: imagem e moda* (v. 3). Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, pp. 65-69.

ditas, visuais.

O reconhecimento da premissa de que a sociedade da informação e do conhecimento define nossa história presente e de que nela a imagem visual aparece como um parâmetro a partir do qual saberes são proliferados, subjetividades são produzidas, concepções de mundo são difundidas, modos de convencer ideopolíticos e práticas sociais são dimensionadas demonstra a necessidade de se apresentarem abordagens críticas sobre a imagem visual, ou seja, sua natureza, seu funcionamento e possíveis efeitos, bem como de examinar, com mais cuidado e critério, os conteúdos visuais que são postos em circulação, capilarizando sua força, a ponto de afetar diretamente o indivíduo em sua intimidade, privacidade e subjetividade.

Parece-me óbvio que se interessar em abordar a questão da imagem visual assinala o desejo de se ocupar com um artefato cultural particular, situado no território da cultura visual. Assim, a imagem visual, como integrante desse lugar e do universo geral da produção humana, pode e deve ser reconhecida e identificada como um artefato cultural singular, expresso e materializado em formas e gêneros diversos, que passam pelas imagens clássicas do desenho e da pintura até as imagens virtuais, possibilitadas pelo desenvolvimento recente da microeletrônica, das ciências da computação e da informação, que passaram a nos oferecer outras possibilidades, tanto no que tange à produção e ao funcionamento, quanto à circulação de diferentes formas e gêneros de imagens visuais.

Tratamento crítico da imagem visual

Certamente, a relevância da cultura visual imagética, nas sociedades contemporâneas, coloca uma diversidade de questões, típicas dessa nova paisagem sócio-histórica, como, por exemplo, o surgimento de gerações que aprendem a pensar imageticamente, isto é, 'a partir da', 'com a' e 'por meio da' imagem visual. Com efeito, o acontecimento da presença desse artefato cultural, de seu funcionamento, usos e implicações sobre o indivíduo e sobre as relações sociais exige um tratamento crítico de sua presença em diferentes áreas de conhecimento, campos de atuação profissional e espaços sociais de aprendizagem.⁷

Reconhecer a natureza da imagem visual, sua presença capilar, seu poder de capturar a atenção e de seduzir, seus gêneros e seus modos específicos de produção, de circulação e de consumo, seu emprego midiático e mercadológico, seu apelo estético e ideológico, em suma, sua adequação e pertinência educativa e pedagógica requer, indubitavelmente, um exame crítico, uma análise cuidadosa e criteriosa de sua presença e existência, sobretudo entre os profissionais e pessoas em geral envolvidos com a formação intencional do ser humano.

Na área específica da Educação, por exemplo, o nexos entre educação e visualidade tem sido considerado criticamente em várias práticas, estudos e

⁷ A título de exemplificação do exame crítico da imagem na atualidade, ler: Joly, Martine. (2012). *Introdução à análise da imagem*. (14a ed.). Trad. Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus.

investigações acadêmicas. O caso da educação popular é emblemático, pois ela é o exemplo de uma abordagem ocupada em pensar criticamente em seus objetos, sobretudo em suas versões assentadas na perspectiva emancipatória,⁸ que têm a visão crítica do mundo como um de seus constituintes fundamentais.

Pode-se, em face do exposto, cogitar a possibilidade de se interessar em conhecer o nexos entre educação popular e visualidade como um campo de pesquisa que contempla uma diversidade de objetos a serem pensados, estudados e investigados. A existência efetiva desse campo tem despertado minha vontade de saber sobre o modo específico de a educação popular conceber e abordar, educativa e pedagogicamente, a imagem visual. Essa curiosidade ganha um sentido diferenciado no âmbito das investigações movidas pela Análise Arqueologia do Discurso (Foucault, 2008), cujos interesses não se encontrariam alojados no nexos dos referidos termos, mas, no discurso da educação popular sobre as relações possíveis presentes neles. Vale frisar que as pesquisas arqueológicas do discurso se ocupam de objetos situados no território da linguagem e, mais precisamente, localizam-se no nível do discurso-enunciado.⁹ Nesta reflexão e análise, implica assinalar, pelo menos, três pontos.

O primeiro consiste em que as investigações arqueológicas do discurso não se debruçam sobre o nexos educativo ou pedagógico em si, cujo foco poderia encontrar sua centralidade na existência e no funcionamento concreto da educação, como prática, acontecimento ou complexo; na imagem visual, como artefato cultural; ou, ainda, nos possíveis feixes de relações sócio-históricas existentes efetiva e cotidianamente entre educação e visualidade. Em vez disso, os estudos arqueológicos se ocupariam de analisar, descrever e explicitar a especificidade dos feixes de relações discursivas que tecem as coisas ditas da educação popular sobre os nexos dos referidos termos.

O segundo ponto se refere à necessidade de se explicar melhor o feixe de relações que caracterizam meu interesse em refletir sobre o nexos discursivo entre educação popular e visualidade, porque, mesmo com a delimitação empreendida, a ideia de nexos discursivo ainda continua geral em sua particularidade. Assim, pode-se indagar: como pensar nas coisas ditas pelas práticas da educação popular a respeito da imagem visual se as práticas educativas populares são diversas? De fato, a expressão "educação popular" comporta inúmeras concepções, experiências, práticas e horizontes pedagógicos, o que exige um segundo recorte, a fim de definir a especificidade do feixe de relações discursivas que desejamos conhecer.

Ora, a partir do critério de relevância da contribuição proporcionada na feita da educação popular, no Brasil e na América latina, acabamos por escolher o legado de Paulo Freire como foco de nossa incursão arqueológica, ou, mais precisamente, o discurso freireano sobre o uso pedagógico da imagem

⁸ A respeito do caráter emancipatório da educação popular, ler: Carrillo, Afonso Torres. (2013). A Educação Popular como prática política e pedagógica emancipadora. In: Streck, Danilo R.; Esteban, Maria Teresa (Orgs.). *Educação Popular: lugar de construção social e coletiva*. Petrópolis/RJ: Vozes. pp. 15-32.

⁹ Sobre a questão da especificidade de estudos sobre o discurso numa perspectiva da análise arqueológica, consultar os escritos de Alcantara; Carlos (2013; 2017).

visual.

O terceiro ponto diz respeito ao fato de que, em face ao desenho da configuração de nosso objeto de reflexão, surgiu a necessidade de operar outro recorte, agora, sobre a fonte¹⁰ do exercício da análise. Sabe-se que Paulo Freire deixou um legado, cuja produção compõe um elenco vastíssimo de escritos. Como o intuito deste texto não foi o de fazer uma pesquisa sobre a vida e a obra de Freire, mas de fazer um exercício de análise arqueológica do discurso, decidi examinar apenas um de seus escritos - o livro *Ação cultural para a liberdade*, porque traz uma série de informações sobre a imagem visual, o modo como ela foi abordada e utilizada por ele em práticas educativas, voltadas para a alfabetização de jovens e adultos. A constatação preliminar desses aspectos sugeriu a formulação da hipótese de que esse escrito registraria o modo como Freire concebia e empregava a imagem visual na educação popular, sobretudo, no período de sua emergência e consolidação na América Latina.

Devido a essa hipótese e à luz da AAD, emergiu a vontade de investigar, nos escritos freireanos, a existência e o funcionamento de uma possível ordem discursiva pedagógica, que servindo como fonte de saber, a partir da qual Freire concebia e fazia o que dizia. Em outros termos, afirmo, sinteticamente, que o objetivo deste estudo consiste em analisar e descrever alguns aspectos da ordem do discurso pedagógico freireano sobre o nexos entre o complexo social da educação e o artefato cultural da imagem visual.

A questão da Imagem Visual

Embora Freire não confira à imagem visual o mesmo grau de importância que atribuiu à palavra escrita, ele não deixou de reconhecê-la como uma maneira de codificar o conhecimento que se pode ter da realidade, como um modo fundamental de registrar e de pronunciar o mundo, assim como para o processo de reflexão e problematização de situações concretas em que vivem os seres humanos.

Esse fato pode ser facilmente identificado no registro das experiências que ele vivenciou e produziu a respeito da prática educativa popular destinada à alfabetização de jovens e adultos no Brasil e em outros países da América Latina. Nessas experiências e nessas práticas, ele concebeu e empregou a imagem visual como uma espécie de recurso didático coadjuvante do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita, bem como do ato de problematizar o mundo.

Mapeando séries de signos no documento fonte

A escavação do livro *Ação cultural da liberdade*, em busca de desenterrar possíveis usos da imagem visual na ordem do discurso pedagógico ativado por Freire, foi realizada, preliminarmente, mediante o emprego dos significantes operativos 'imagem' ou 'imagens', e, posteriormente, 'visual' ou

¹⁰ Emprega-se, aqui, o termo fonte como o lugar onde se encontram registrados os possíveis achados da investigação, a partir dos quais se buscam encontrar os elementos necessários à realização da análise e da descrição do objeto investigado.

'visuais'. Esse procedimento, adotado no curso da investigação desse escrito, levou-nos a alguns achados relevantes sobre a questão em tela, que constituíram o *corpus* da análise¹¹ explicitada aqui.

O significante ‘imagem’

Inicialmente, por meio do significante operativo 'imagem' e 'imagens', realizei o mapeamento de séries de signos, frases, afirmativas e fragmentos de argumentos que indicassem a presença de possíveis significantes correlatos e significados vinculados à imagem visual. Num primeiro momento, a escavação constatou a raridade da presença do significante 'imagem' no espaço do texto-fonte em apreço. Aparentemente, o acontecimento da diminuta frequência do termo 'imagem', na totalidade da composição dos textos que constituem o livro *Ação cultural para a liberdade*, sugeria a hipótese de que a investigação era irrelevante e o conseqüente abandono do levantamento da problemática da imagem visual no referido livro. No entanto, embora o significante 'imagem' tivesse uma frequência ínfima, o acontecimento de sua presença era evidente.

Nesse sentido, vale lembrar que a AAD reconhece a importância do aparecimento de determinada série de signo, por mais simples e insipiente que ela seja. Assim, a análise do referido livro não teve como parâmetro de investigação o critério da frequência. Por causa disso e com o prosseguimento da escavação, foi possível, em meio ao que estava efetivamente posto, identificar três sentidos associados à noção de 'imagem': o da imagem-pensamento, o da imagem literária e o da imagem visual.

No levantamento feito, observou-se que a imagem pensamento aparece como uma ideia que se tem de alguma coisa e que essa conotação se encontra associada a uma série de outros significantes, como, por exemplo, 'perfil', 'concepção', 'noção' e, conseqüentemente, diferentes significados e referentes vinculados ao mundo, à sociedade, à educação, à alfabetização, à palavra, ao texto, bem como ao indivíduo, à classe ou ao próprio ser humano, em geral, e suas condições de existência, conforme expressa o seguinte fragmento:

Na medida em que, através da mediação da cartilha, os alfabetizadores vão “depositando” nos alfabetizados as palavras geradoras, pode-se facilmente detectar uma primeira importante dimensão da imagem de ser humano que começa a emergir desta análise. É um perfil de ser humano cuja consciência, “especializada” e “vazia”, deve ser “enchida” para que possa conhecer. É a mesma concepção que levou Sartre, criticando a noção de que “conhecer é comer”, a exclamar em *Situations 1*: “Oh! philosophie alimentaire!” (Freire, 1981, p. 36).

Nessa passagem, o termo 'imagem' vincula a ideia de ser humano à de consciência vazia; e a de conhecimento, à concepção nutricional do saber. O conhecimento seria algo que se come, que se consome. Em ambas as ideias (ser

¹¹ Entenda-se, aqui, como *corpus* da análise, um conjunto particular de achados (séries de signos, frases, afirmativas, fragmentos de argumentos etc.) pertinentes, ligados e/ou correlacionados ao objeto-enunciado, que constituem a matéria-prima da análise dos diferentes níveis da linguagem e, mais especificamente, do nível enunciativo.

humano/vazio e conhecimento/alimento), o significante 'imagem' também carrega uma conotação literária, isto é, contempla um sentido metafórico e analógico, característicos das figuras de linguagem, próprias das imagens utilizadas nos escritos e falas poéticas e retóricas. Nesse sentido, a palavra imagem desponta como um signo linguístico empregado para se dizer literariamente algo, para se comunicar figurativamente um pensamento, conforme está posto no fragmento abaixo.

Em nossas conversações com os camponeses” – diz Dario Salas, “ficávamos surpreendidos com **as imagens que usavam para expressar seu interesse e sua satisfação com a alfabetização**”. Por exemplo: “Antes eu era **cego**, agora o **véu** já não cobre meus olhos”. “Eu vim aprender a assinar o nome. Jamais acreditei que, em minha **idade**, pudesse realmente aprender a ler”. “Antes as letras me pareciam pequenos **brinquedos**. Hoje, elas me dizem algo e eu as posso fazer falar (Freire, 1981, p. 51). (O grifo é meu).

Como se pode ler, embora a imagem-pensamento e a imagem literária sejam achados relevantes para se entender a inteligibilidade da ordem discursiva pedagógica freireana, como foi exposto no início desta produção, eles não são constituintes do objeto de nossa preocupação atual. Ocupamo-nos em apresentá-los, sucintamente, porque, de um lado, sua presença se caracteriza como um dos possíveis correlatos do significante 'imagem', efetivamente presente no texto-fonte analisado, e de outro, para deixar registrado que esses aspectos da ordem argumentativa freireana não se configuram como achados relevantes para explicitar a particularidade do objeto de nossa investigação e reflexão arqueológica. Eles são coexistentes à presença da imagem visual, mas não necessários para escavá-la.

De fato, nesse momento, o objetivo de nossa curiosidade é de analisar o significante 'imagem' em sua existência propriamente visual - a icônica, pictórica ou figurativa - isto é, imagética, ou, mais precisamente, escandi-la como um artefato cultural visual específico, cuja captura empírica ocorre, necessariamente, por meio da sensação e, especificamente, pelo sentido da visão. Em outras palavras, o significado que nos interessa encontrar e explicitar, neste momento da análise, é o que vincula a imagem a algo que se vê, que se apreende pelo olho, não o que se cogita ou o que se fala e se escreve.

O mapeamento realizado a partir do significante 'imagem' apontou para o fato de que ele tem um aparecimento raro assim como é rara sua vinculação direta com o significado visual. Entretanto, considerando que a raridade não significa ausência da presença, a análise identificou que tal semântica aparece codificada em uma mesma série de signos: a da expressão 'associação de imagens sensoriais', em duas passagens do livro, envolta em meio a outras questões tratadas no fragmento, e sem o devido desdobramento de seu significado, conforme se pode verificar abaixo.

Os contactos dos animais são acrílicos. Não vão mais além da **associação de imagens sensoriais através da experiência**. São singulares e não plurais. Os animais não elaboram objetivos. Vivem ao nível da “imersão”, daí sua atemporalidade. (Freire, 1981, p. 54). (O grifo é meu).

O que se pode apreender dessa formulação é que, diferentemente das

duas anteriores, em que o significante 'imagem' acionava ideias vinculadas à capacidade humana de elaborar ideias sobre alguma coisa ou a maneiras figurativas de operar com o signo linguístico, a fim de dizer alguma coisa sobre algo, aqui, referindo-se ao mundo animal, nota-se uma correlação entre imagem e sensação, o que, indicialmente, conecta o termo ao campo dos sentidos, em geral, e das visualidades, em particular.

É um saber corrente o fato natural de que os animais, em geral, dentre eles, os seres humanos, fazem esse processo neurocerebral de apreensão da realidade através dos sentidos: tato, gustação, olfato, audição e visão. Em função do dispositivo da 'associação de imagens sensoriais', proporcionado pelo contato com a experiência, como afirmou Freire, os animais, em geral, organizam suas respostas aos problemas vivenciais que enfrentam, fixando instintivamente seus modos singulares de se conectar com as circunstâncias imediatas, a fim de atender às suas necessidades vitais, sejam elas de alimentação, de reprodução ou de segurança, por exemplo.

No caso dos animais, o fato de o significante 'imagem' não se relacionar a ideias ou a signos linguísticos, mas a sensações e a experiências, conforme argumenta Freire, indica o que ele denomina de reflexos ou cópias. Em outros termos, os limites naturais impostos pela condição de imersão, de atemporalidade, de ausência de objetivos evidenciam certa impossibilidade dos animais não humanos de elaborar signos, sejam eles ideativos ou linguísticos. Nesse sentido, a 'associação de imagens sensoriais, através da experiência', seria encontrada no nível do reflexo e da cópia aproximada de suas realidades vitais imediatas. Nesse ponto, haveria uma diferença ontológica entre os animais não humanos e sua realidade natural e os seres humanos e sua realidade cultural. Tal distinção está expressa noutro fragmento, em que aparece o significante 'imagem'.

É que o processo de orientação dos seres humanos no mundo envolve não apenas a **associação de imagens sensoriais**, como entre os animais, mas, sobretudo, **pensamento-linguagem**; envolve desejo, trabalho-ação transformadora sobre o mundo, de que resulta o conhecimento do mundo transformado. (Freire, 1981, p. 34). (O grifo é meu).

Nessa formulação, consta um jogo de relações entre o que é próprio dos animais e o que é próprio dos seres humanos: nestes, encontra-se a inserção humana por meio do pensamento e da linguagem; naquele, o contato mediado pela apreensão sensorial do real. Sendo que, no mundo humano, a 'associação de imagens sensoriais' adquire um modo de existir distinto do que acontece entre os animais não humanos. Esse entendimento encontra-se perfeitamente presente no fragmento acima, pois o 'não apenas' utilizado por Freire é um conectivo com ideia de inclusão, e o 'mas, sobretudo', um sintagma de acréscimo e afirmação. De modo que, nesse ínterim, a imagem sensorial é uma entre outras formas de existir do pensamento linguagem, dado o caráter racional do "processo de orientação dos seres humanos no mundo".

Em outros termos, o reconhecimento de que o ser humano orienta sua ação sobre o mundo 'não apenas' mediante "associação de imagens sensoriais", "mas, sobretudo", por meio do "pensamento-linguagem" é um achado significativo na ordem geral de nossa investigação, pois, além de fixar um

vínculo entre imagem e sensação, indica um nexo entre imagem e linguagem, devido ao fato de que, no território da linguagem, a “associação de imagens sensoriais” funciona em conformidade com o jeito de ser próprio dos múltiplos artefatos situados nesse lugar, como demonstrado na seguinte formulação:

Suas atividades noturnas, seus bailes, sua música, o uso do corpo, seus gestos, sua maneira de andar, de vestir, suas crenças, sua ironia, seu humor, seus códigos de companheirismo, sua forma de “desapertar-se” de situações difíceis, sua semântica, sua sintaxe, **tudo isto constitui sua linguagem**, como “linguagem total”, e são valores que compõem aquela muralha e que, mesmo tocados pela ideologia dominante, não se entregam totalmente a ela; [...]. (Freire, 1981, p. 46-47). (O grifo é meu).

Situamo-nos em um momento da análise em que, embora ainda não possamos identificar, com precisão, o significante e o significado da expressão *imagem visual*, podemos, pelo menos, depreender, genericamente, sua presença no livro *Ação cultural para a liberdade*, em meio à dispersão de outros significantes e significados, temas e questões. E embora o vínculo semântico identificado entre o significante ‘imagem’ e a linguagem não tenha sido suficiente para elucidar a questão, conseguimos chegar ao conhecimento da raridade de sua presença e, a partir dele, a uma noção genérica do termo ‘imagem visual’ como uma forma de linguagem, ou seja, um modo como a linguagem funciona.

O significante visual

Embora consideremos que os achados até aqui encontrados e apresentados tenham sido imprescindíveis para localizar várias séries de feixes de relações, constituintes da existência e do modo de funcionamento na ordem geral do discurso pedagógico freireano, e avançar a investigação, não conseguimos, mediante o descritor ‘imagem’, obter os resultados suficientes para entender e elucidar a questão em tela.

Por causa disso, prosseguimos a escavação, recorrendo ao conceito operativo ‘visual’. Ao realizar a busca e o mapeamento por meio desse significante, constatei, tal como ocorreu com o termo ‘imagem’, uma baixa frequência, pois só foram localizados dois fragmentos. No entanto, tais achados foram fundamentais para identificar a existência de outros feixes de relações, mais próximos e mais esclarecedores do significado objetivado em nossa investigação, como se pode verificar, inicialmente, no seguinte trecho.

Como sabemos, a codificação que os camponeses têm diante de si não é uma simples **ajuda visual** de que o educador se serve para “dar” uma aula melhor. A **codificação**, pelo contrário, é um **objeto de conhecimento** que, mediatizando educador e educandos, se dá a seu desvelamento. (Freire, 1981, p. 22). (O grifo é meu).

Como se vê, esse fragmento registra novas informações sobre nosso objeto de análise, ainda em termos genéricos, mas, de um lado, distinta do tipo de uma generalidade abstrata e, de outro, própria de um genérico situado no ínterim da particularidade do sentido do termo visual. Em outros termos, a

prática educativa realizada por Paulo Freire recorria, de fato, ao dispositivo pedagógico da 'ajuda visual', cuja função não consistia, no horizonte de seu trabalho pedagógico, tão somente em servir de 'ajuda', recurso didático ou facilitador da prática do educador e, conseqüentemente, da aprendizagem do educando.

Noutro sentido, pode-se considerar a expressão 'ajuda visual' como uma formulação genérica, por não se referir, exclusiva, direta ou especificamente, à questão singular da imagem visual. Como veremos em outra série de signos e em função de outros correlatos, essa expressão significa, ao fim e ao cabo, um modo dizer 'visualidades'. Assim, 'ajuda visual' seria uma expressão que se refere a todos os artefatos culturais visuais identificados por meio da visão e apreendidos, exclusiva e especificamente, pelo olho. Nesse sentido, o visual seria um significante que nos remete à ideia da possibilidade de algo ser visto. Portanto, o visual é, genericamente, caracterizado como uma codificação de algum aspecto da realidade.

Em segundo lugar, como está posto, aqui e em outros lugares, o visual seria uma codificação de objetos a serem conhecidos e desvelados pelos educandos, no curso de sua experiência educativa. O fato de o visual ser uma codificação se configura como um achado-chave para elucidar a questão investigada, pois, a partir dele, foi possível percorrer uma série de outros correlatos do significante 'visual' e vinculá-lo, simultaneamente, não só à ideia de codificação, mas o também a de representação e de objeto de conhecimento.

Se, em certo sentido, o significante 'codificação' indica, na ordem do discurso freireano, um modo genérico de dizer a imagem visual, certamente, ele deve ser considerado, na via de entendimento da análise operada pela TAD, como um achado-chave, de natureza conceitual operativa, imprescindível ao prosseguimento da escavação específica da fonte e do objeto investigado. Assim, ao utilizá-lo como uma espécie de descritor de busca, encontrei outros achados sumamente relevantes, entre eles, um fragmento que faz referência, em meio à generalidade das visualidades, a duas espécies de imagens visuais - a fotografia e o desenho - que acabaram confirmando uma menção efetiva sobre a imagem visual no livro *Ação cultural da liberdade*. Eis o fragmento:

Em nossa prática usamos codificações ora feitas por nós, ora pelos educandos; às vezes **fotografias**, às vezes **desenhos**; já um pequeno **texto**, já uma pequena **dramatização** em torno de um fato concreto. (Freire, 1981, p. 42). (O grifo é meu).

Esse fragmento desempenha um papel significativo no curso da escavação, a ponto de considerá-lo como um 'divisor de águas' no processo de análise. Ao ler arqueologicamente essa formulação, observa-se a singularidade, concomitante, dos códigos visuais 'fotografia', 'desenho', 'texto' e 'dramatização'. Esse acontecimento evidencia uma série de aspectos pertinentes ao objeto de nosso interesse, de modo mais direto e evidente. Em primeiro lugar, confirma, na particularidade dos gêneros visuais da fotografia e do desenho, a presença efetiva e singular da imagem visual propriamente dita. Em segundo lugar, identifica e descreve a imagem visual a partir de uma ideia geral, indicada através do significante 'codificação', o qual possibilita incluir não só a particularidade dos gêneros imagéticos do desenho e da fotografia, como

também outros tipos de visualidades, de objetos que podem ser vistos e decodificados, como o texto escrito e a dramatização, e vislumbra a possibilidade de outras formas de codificações não visuais, de natureza sonora, como a música; olfativa, como odores e perfumes; e figurativas, como as mencionadas metáforas e analogias, típicas do pensar racional e poético-literário. Por fim, o fragmento corrobora uma das funções da linguagem, em geral, e das imagens visuais, em particular, que seria a de se referir à realidade, ou seja, aos 'fatos concretos'.

Em suma, pode-se dizer que esse fragmento é um achado relevante, pois é constituído por uma série de determinações, cujos correlatos são esclarecedores do modo de existência da 'imagem visual', fio condutor da análise da ordem do discurso pedagógico freireano. Foi esse achado que me levou a outras passagens elucidativas desse discurso, por exemplo, quando Freire (1981, p. 42) afirma que se serve, para operar a reflexão e tomada de consciência do real nos educandos, da “[...] codificação ou a representação de situações existenciais dos educandos”.

Essa formulação expressa outro achado significativo para elucidar o modo como é posicionada e abordada a questão da imagem visual no livro *Ação cultural para a liberdade*. Esse fato é possível de verificar devido à correlação direta entre o significante 'visual' e o termo 'codificação', o qual remete à noção de representação, como mais um termo intimamente associado ao conteúdo semântico da expressão 'imagem visual'. Assim, pela mediação da ideia de codificação, dizer representação seria outra maneira de anunciar, genericamente, a existência de visualidades, dentre as quais, a imagem visual propriamente dita. Nota-se, com efeito, que o referido fragmento aparece como uma síntese de dois modos de significar, posicionar e abordar a imagem visual: como 'codificação' e 'representação'.

Ademais, constata-se que o feixe de relações propiciadas pelo conceito codificação confirma, de um lado, a presença efetiva da imagem visual, que traz à luz a representação, como outro correlato imprescindível para se entender o modo de ser das codificações e, conseqüentemente, das visualidades, como, por exemplo, as imagens visuais; e, de outro, assinala o uso educativo da imagem visual, ao empregar a codificação como dispositivo de representação de situações existenciais, apresentadas como objetos a serem analisados e conhecidos, nos termos de Freire, 'ad-mirados'.

Freire (1981, p. 43) entende que, no curso do processo educativo, o “[...] importante, qualquer que seja a forma que a codificação assuma – e há outras – é que ela seja tomada, na verdade, como um objeto de conhecimento [...]”. Ao dizer o que disse dessa maneira, evidencia-se, nessa e em outras formulações da mesma natureza, um modo de tratar a imagem visual não somente como uma visualidade, que confere materialidade visual à codificação/representação de algo, mas também e, sobretudo, porque institui a imagem visual como um objeto de conhecimento. Ao concebê-la assim, a prática educativa anunciada acaba por requerer um exercício de abstração que visaria, necessariamente, “[...] por meio de representações da realidade concreta [...], alcançar a razão de ser dos fatos [...]” (Freire, 1981, p.42).

Nesse jogo de correlações, o anúncio do processo educativo aparece como uma ação teórico-prática, cujo exercício gnosiológico de abstração do real exige, efetivamente, o posicionamento de educadores e de educandos como

sujeitos cognoscentes, que se debruçam sobre os fatos concretos de suas existências, por meio da mediação de suas correspondentes codificações, como, por exemplo, as imagens visuais, visando desvelá-las e conhecê-las, conforme esclarece Freire (1981, p.42): “[...] A codificação, de um lado, faz a mediação entre o contexto concreto e o teórico; de outro, como objeto de conhecimento, mediatiza os sujeitos cognoscentes que buscam, em diálogo, desvelá-la [...]”.

Analisando a zona arqueológica do discurso pedagógico

No que tange à zona enunciativa, depois de analisar as séries de signos localizadas na superfície da escrita, ou seja, registradas em fragmentos, frases e formulações específicas, correlacionadas, de algum modo, à imagem visual, que foram apresentadas como achados relevantes de nossa escavação e às evidências da presença do artefato cultural da imagem visual, ocupei-me de examinar as peculiaridades do discurso, afeitas aos aspectos arqueológicos propriamente ditos, isto é, aos feixes de relações que regulam o que pode ou não ser dito, o que deve ou não ser pronunciado sobre a imagem visual na ordem do discurso pedagógico no seio da qual Freire se posicionava.

A presença recorrente da singularidade dessas séries de feixes de relações indica que existem domínios particulares e regulares na dispersão das coisas escritas, no livro *Ação cultural para liberdade*, articula diferentes tipos de temas e concepções, campos teóricos e procedimentos e funciona como uma espécie de regra, característica da prática discursiva pedagógica que orienta o que Freire diz sobre a problemática da imagem visual.

Nessa fase da análise, destaco, sumariamente, três complexos de relações enunciativas, que aparecem como constituintes arqueológicos fundamentais da ordem do discurso pedagógico freireano sobre a imagem visual, a saber: a) o ontológico, por meio do qual a imagem visual pode ser identificada e descrita como uma forma de linguagem e, conseqüentemente, como um constituinte inerente ao ser humano. Nesse caso, nota-se que o vínculo entre pensamento-linguagem e linguagem-mundo envolve duas séries enunciativas com papéis centrais na argumentação pedagógica freireana; b) o sociopolítico, através do qual se verifica que há um posicionamento contundente sobre o direito de cada ser humano dizer sua palavra e pronunciar seu mundo. Em função desse pressuposto, encontra-se a denúncia da negação social e histórica desse direito, um acontecimento que institui a impossibilidade de desenvolver a humanização do indivíduo concreto; por fim, c) o educativo, que demarca a existência de uma série de enunciados sobre alguns dispositivos que intencionam criar condições de aprendizagem favoráveis ao efetivo exercício do indivíduo para saber e poder dizer (falar ou escrever) a palavra, de conhecer a complexidade da linguagem, de recorrer as suas múltiplas formas como uma estratégia de apropriação, produção e difusão de saberes diversos, como o conhecimento da realidade, do contexto e do mundo em que vive.

Constituinte ontológico da imagem visual

Como foi exposto, na primeira fase da escavação, constatei que, de um ou de outro modo, a questão da imagem visual aparece em meio à

problematização de temas associados ao domínio da linguagem: genericamente, como codificação e representação de algo; particularmente, como uma forma singular de visualidade, como, por exemplo, a foto e o desenho.

Esses achados indicaram a presença efetiva de um nexos enunciativo entre a imagem visual e a questão da linguagem, cujo aparecimento se efetua como um dos feixes de relações que tecem o lugar e a função da imagem visual no ínterim da ordem do discurso pedagógico freireano. Retomemos, aqui, por exemplo, a ideia geral da linguagem apresentada em um dos fragmentos, já citados, a saber:

Seus atividades noturnas, seus bailes, sua música, o uso do corpo, seus gestos, sua maneira de andar, de vestir, suas crenças, sua ironia, seu humor, seus códigos de companheirismo, sua forma de “desapertar-se” de situações difíceis, sua semântica, sua sintaxe, **tudo isto constitui sua linguagem**, como “linguagem total”, e são valores que compõem aquela muralha e que, mesmo tocados pela ideologia dominante, não se entregam totalmente a ela; [...]. (Freire, 1981, p 46-47). (O grifo é meu).

Pelo exposto, a regularidade do domínio da linguagem aparece como um constituinte inerente ao discurso em questão. Isso demonstra a relevância de sua presença como um dos feixes de relações imprescindíveis à tessitura da referida ordem discursiva e do modo como a linguagem posiciona, descreve e emprega o significante ‘imagem visual’.

Ao examinar a inteligibilidade do funcionamento da linguagem, é possível ver que ela se apresenta como um elemento que tem um papel fundamental na formação da ordem do discurso pedagógico freireano, porque o referido discurso lhe confere um status ontológico no desenvolvimento da humanidade do gênero humano, o que significa dizer, em última análise, que não haveria homem sem linguagem; nem linguagem sem homem. Ora, se a linguagem é precisamente assim, ela assume, nessa ordem discursiva, uma característica ontológica. A linguagem, nesse sentido, é instituinte da humanidade do ser humano, ao mesmo tempo em que é produzida por ele, em seu processo de hominização.

Assim, assinalo como resultado de minha escavação o registro de algumas correlações integrantes da composição do enunciado da linguagem (e da imagem visual) como acontecimento que não existe por si e como premissa ontológica de que não há ser humano sem linguagem. Destaco alguns fios enunciativos que capilarizam esse possível feixe de relações, a saber: (a) a linguagem é uma invenção humana, não algo que se encontra pronto e disponível na natureza. Assim, ela integra o rol das produções humanas e pode ser indicada como um exemplar da cultura; (b) como é um constituinte da cultura, a linguagem é uma das mediações da sociabilidade humana, ou seja, uma das vias de estabelecimento das relações intersubjetivas, efetivada, por exemplo, por meio da comunicação e do diálogo entre indivíduos, grupos, classes sociais e formações sociais históricas específicas. Haveria, nesse caso, o reconhecimento de que não o exercício da comunicação e da dialogicidade não é possível entres os seres humanos sem a mediação da linguagem; (c) a linguagem integra o campo de possibilidades do pensamento humano. Então, o ser humano não pode conceber e elaborar uma ideia sobre alguma coisa sem a linguagem. Não há, nesse sentido, pensamento sem linguagem; (d) por fim, destaco o fato

de que é por intermédio da linguagem que se pode dizer alguma coisa sobre algo. Nesse caso, é por meio dela que as coisas são nomeadas e pronunciadas. Ela funciona como o lugar de identificação e registro de um saber que se tem ou se pode ter sobre o mundo. Portanto, o ser humano não pode se expressar sem a linguagem.

Constituinte sociopolítico da imagem visual

O enunciado sociopolítico da linguagem tem um papel relevante na ordem do discurso pedagógico freireano. Esse domínio pode ser identificado por meio das séries de signos que entrelaçam a temática da linguagem, em geral, ou da imagem visual, em particular, com questões pertinentes às relações sociais e históricas que constituem as formações sociais humanas, como as que caracterizam o modo de existir social produzido no contexto das relações de dominação, típicas das sociedades em que grupos e classes determinados exercem um controle sobre as demais, seja de natureza econômica, política e cultural, tal como ocorre, no tempo presente de nossa história, nos países latino-americanos e, de resto, nos demais países do mundo.

Em outras palavras, pode-se dizer que, na ordem do discurso pedagógico freireano, o enunciado sociopolítico pode ser reconhecido como uma espécie de enunciado reitor, ou seja, um constituinte que aglutina, em torno de si, uma série de temas, posicionamentos e abordagens de natureza social, histórica e política, vinculados ao emprego da linguagem no cotidiano, nos contextos concretos e existenciais das pessoas. Assim, ele possibilita a inserção e a problematização da linguagem, em geral, e da imagem visual, em particular, no jogo efetivo da complexidade das relações sociais vigentes, estabelecidas no seio da história e das situações concretas existenciais.

Exemplo disso se encontra no questionamento contundente que se faz sobre as relações de dominação que regem o modo como as sociedades de classe organizam a sociedade capitalista, e cuja marca se verifica, facilmente, no cotidiano da vida de seus membros, tal como ocorre com os camponeses latino-americanos, conforme registro encontrado na formulação abaixo.

Os camponeses desenvolvem sua maneira de pensar e de **visualizar** o mundo de acordo com pautas culturais que, obviamente, se encontram marcadas pela ideologia dos grupos dominantes da sociedade global de que fazem parte. [...]. (Freire, 1981, p. 27). (O grifo é meu).

Graças ao domínio sociopolítico, produz-se, de um lado, a denúncia da coisificação do ser humano, da negação de sua humanidade, dos processos de exclusão a que se encontram submetidos, dos dispositivos ideológicos de controle da consciência e da subjetividade da população em geral, e do povo, em particular. De outro, observa-se uma defesa intransigente do direito de cada ser humano dizer sua palavra e sua cultura, de se organizar e superar as condições de opressão.

Com efeito, a negação do direito de se expressar seria uma espécie de interdito da efetiva possibilidade de humanizar o ser humano. Em outros termos, a negação da palavra, por exemplo, tão recorrente no livro analisado, seria uma das vias do exercício da dominação realizadas por grupos e classes dominantes,

como uma estratégia de controle cultural. Ou seja, negando-se a palavra, negar-se-ia a possibilidade de denunciar as situações de opressão, seus problemas e necessidades, suas angústias e sofrimentos; de anunciar e pronunciar sonhos e utopias relativos a um novo mundo; negar-se-ia a possibilidade de os oprimidos dizerem o que pensam, de expressar sua emoção, de difundir seus saberes, de registrar sua memória e proporcionar o reconhecimento e a visibilidade de sua cultura.

[...]. É como seres conscientes que mulheres e homens estão não apenas no mundo, mas com o mundo. Somente homens e mulheres, como seres “abertos”, são capazes de realizar a complexa operação de, simultaneamente, transformando o mundo através de sua ação, **captar a realidade e expressá-la por meio de sua linguagem criadora**. [...]. (Freire, 1981, p. 53). (O grifo é meu).

Como se vê, o direito de dizer a palavra aparece, na referida ordem discursiva, como um dispositivo sociopolítico de luta, de afirmação da alteridade, de visibilidade de sua existência, de difusão e consolidação da visão de mundo dos oprimidos, de delineamento de um horizonte cultural onde homens e mulheres, livres da opressão, afirmam sua humanidade, o que garante, entre outras coisas, seu efetivo direito de se expressar.

Constituinte educativo da imagem visual

O exame da presença da imagem visual, no entremeio de uma variedade complexa de relações enunciativas que coexistem, combinam-se e se retroalimentam nas condições que possibilitam o aparecimento e a constituição do modo como a questão sobre a imagem visual se encontra posta no livro *Ação cultural para a liberdade*, aponta uma regularidade específica, característica de um feixe de relações que evidência a existência de um domínio particular que articula a dispersão de formulações e argumentos, temas e problemas que se ocupam de refletir, analisar, discutir, denunciar, propor e anunciar alternativas para organizar processos de condução de práticas formativas, que intencionam viabilizar aprendizagens efetivas, críticas e socialmente relevantes para o desenvolvimento da libertação e humanização de indivíduos imersos em situações de opressão.

Exemplo disso são as atividades culturais que visam desenvolver nos indivíduos, nos grupos e nas classes oprimidas o poder dizer (falando ou escrevendo) a palavra, conhecer a complexidade do signo linguístico e recorrer a diversas linguagens como estratégias de apropriação, produção e difusão do saber que se tem e do conhecimento da realidade em que vivem.

Uma pedagogia utópica da denúncia e do anúncio tem de ser um ato de conhecimento da realidade denunciada, ao nível da alfabetização ou da post-alfabetização, enquanto ação cultural para a libertação. Daí a ênfase que damos à constante problematização da realidade concreta dos alfabetizados, representada em situações codificadas (Freire, 1981, p. 48).

Ora, como podemos verificar nas análises precedentes sobre os significantes 'imagem' e 'visual', seus correlatos genéricos 'codificação' e

'representação' e seus correlatos particulares 'fotografia' e 'desenho', marcas visíveis da presença da questão das visualidades nos escritos freireanos, a exemplo da imagem visual, objeto de nossa investigação e análise, o livro *Ação cultural da liberdade* assinala a elaboração de seu título, a problematização das ideologias das concepções de mundo e de homens/mulheres, presentes nos livros didáticos, nas denúncias contundentes feitas sobre as práticas de alfabetização opressoras destinadas a jovens, adultos e idosos nos países latino-americanos, nos anúncios de alternativas possíveis de ações e práticas culturais libertadoras e humanizantes, a presença efetiva de uma série de temas, problemas, argumentos, proposições que evidenciam a existência de um domínio discursivo específico voltado para se dizer e pronunciar, formular e anunciar, conferir, enfim, para dar visibilidade à educação como um problema central da realidade concreta, que enlaça homens e mulheres em situações de dominação, opressão e exploração, e que, contraditoriamente, pode ser coadjuvante de sua libertação e humanização.

Esse domínio específico pode ser chamado de educativo, e seus aspectos devem ser devidamente descritos e explicitados para se entender sua inteligibilidade. Nesse sentido, vale esclarecer que o ponto de articulação das relações que determinam a constituição de um feixe de enunciados singulares, definidores do domínio do complexo discursivo da educação, encontra-se, precisamente, na intenção de fazer com que alguém aprenda, deliberada e sistematicamente, alguma coisa. Esse seria o princípio articulador do funcionamento das coisas ditas no espaço do domínio educativo e, portanto, critério de identificação e diferenciação das relações enunciativas que constituem o feixe de relações peculiares ao domínio discursivo do complexo social da educação.

Considerações finais

Parece-me que o atual estágio da investigação, iniciado pela escavação dos significantes 'imagem' e 'visual', alcançou resultados satisfatórios, pois propiciou a localização de uma série de signos, no seio da camada empírica da escrita, e, posteriormente, a identificação e a análise de alguns feixes de relações, ou domínios específicos, na camada arqueológica propriamente dita do enunciado, acionados e empregados por Freire no livro *Ação cultural da liberdade*. Esses achados me autorizam a confirmar e explicitar algumas peculiaridades da existência e do funcionamento efetivo da imagem visual na ordem do discurso pedagógico freireano que assinalo.

No que tange à primeira fase da investigação, isto é, do mapeamento dos significantes e de seus significados, foi possível identificar, analisar e descrever alguns achados relevantes para elucidar a questão em tela, que retomo sinteticamente aqui.

Do ponto de vista abstrato, ou seja, da formulação de ideias mais gerais, verifiquei que a imagem visual aparece como um artefato visual integrante de um conjunto mais amplo de visualidades, ou seja, de objetos culturais que podem ser efetivamente vistos. Esse modo de reconhecer a imagem visual foi identificado e nomeado, no referido texto-fonte, por meio dos significantes 'codificação' e 'representação', o que me possibilitou localizar e situar a imagem visual no espaço da linguagem, cuja significação e inteligibilidade fundamental

se encontrariam na possibilidade de se referir ao real, à experiência, ao contexto e às situações existenciais em que se encontram inseridos os seres humanos, em geral, e os indivíduos, grupos e classes sociais, em particular. Portanto, o caráter abstrato e geral do significado da expressão 'imagem visual' foi aferido a partir das noções de visualidade, codificação e representação.

Do ponto de vista concreto, isto é, dos achados pertinentes ao seu modo de ser particular, a imagem visual foi reconhecida, de um lado, ontologicamente articulada à sensação e à visão, como algo necessariamente visto, apreendido pelo olho e que se diferencia das ideias do cogito da imagem-pensamento e da figura de linguagem da imagem literária; de outro, identificada culturalmente a partir de gêneros visuais específicos da linguagem, como o da fotografia e o do desenho. Nesse sentido, a imagem visual carrega a ideia de que não existe em si mesma como um ente geral, metafísico. Sua existência só se realiza por meio da particularidade concreta de um tipo singular de imagem, socialmente integrante do universo e do acervo dos artefatos imagéticos da cultura visual, distinto, portanto, de outros tipos de visualidades, como a dança, a arquitetura, a paisagem, a escultura, dentre outros.

Do ponto de vista operativo, isto é, do uso que se faz da imagem visual, nota-se, de um modo geral, que ela se caracteriza como objeto factível de ser manipulado, abordado e empregado, cognoscível e praticamente, em vários lugares da vida social, como no campo do conhecimento, na formação das pessoas e na reprodução de visões de homem e de mundo. Com efeito, como uma espécie de linguagem-pensamento e linguagem-mundo, a imagem visual apresenta-se como um artefato cultural diverso e com funções variadas, cujo uso depende das peculiaridades de cada gênero e dos distintos objetivos desejados. Por isso, pode ser uma fonte de informações, saberes, ideologias, concepções e valores codificados e representados por meio de significantes visuais imagéticos. Além disso, pode ser abordada como um objeto que media o conhecimento de algum aspecto da realidade propriamente dita e serve como dispositivo que suscita a curiosidade do indivíduo, a necessidade e o desejo de saber mais, de conhecer, por meio da composição dos significantes visuais, as peculiaridades e as determinações dos fatos, dos acontecimentos, das situações existenciais.

Quanto à análise da zona enunciativa, localizei uma correlação da questão da imagem visual em vários domínios, a partir dos quais as coisas ditas e o modo de dizer pedagógico sobre ela puderam ser formulados e anunciados da maneira como foram registrados. Assim, a regularidade desses feixes de relações e suas correlações indicam a formação de uma prática discursiva específica do saber pedagógico, composta de vários constituintes e operada por Freire em seu livro - o ontológico, o sociopolítico e o educativo - analisados e explicitados neste texto. Devido à especificidade de suas relações, os referidos domínios carregam pontos de articulações peculiares, a partir dos quais tecem as condições do saber possível e permitido acerca dos temas, dos problemas, dos argumentos e das concepções concernentes à imagem visual, que institui a ordem do discurso pedagógico em questão, conforme destaco abaixo.

No domínio ontológico, a questão da imagem visual funciona a partir da noção de linguagem, sem a qual o pensamento e o dizer humano não poderiam existir como tal. Isso significa dizer que a linguagem constitui o ser humano no instante de sua produção. Nesse processo, a imagem visual aparece como um modo de existência singular da linguagem, carregando o que a ela tem

de geral, isto é, suas características ontológicas, como sua capacidade de ser constituinte da formação do pensamento humano, de se referir ao real e de ser uma manifestação da criatividade e da expressividade humana.

No domínio sociopolítico, o que se diz sobre a imagem visual é dito sempre em função das relações sociais vigentes, sejam elas referentes à sociedade e à história humana, em geral, ou concernentes ao contexto e às situações concretas em que se inserem os indivíduos, os grupos e as classes sociais. Nesse sentido, a imagem visual é uma relação social, uma espécie de artefato cultural que codifica sínteses específicas, possíveis e diversas de múltiplas determinações sociais e históricas, nas quais se inserem e se tece a condição do viver e do existir humano.

No constituinte educativo, o saber possível sobre a imagem visual refere-se, especificamente, ao modo como a imagem visual, marcada e definida pelos feixes de relações mencionados, é praticada, isto é, como, pela via desse saber, é possível exercer o poder efetivo sobre as pessoas, no que tange a sua formação. A intencionalidade de empregá-la de uma maneira ou de outra, a fim de alcançar esse ou aquele objetivo, em situações existenciais concretas, com indivíduos, grupos e classes determinados, constitui o domínio educativo. Nesse jogo específico de relações, a imagem visual é um artefato cultural que pode ser utilizado como uma representação que carrega ou media o conteúdo que se deseja analisar ou difundir. Ou, ainda e, sobretudo, a imagem visual aparece como algo que se usa e manipula para constituir, intencionalmente, sujeitos específicos e aprendizagens desejadas, decididas e organizadas previamente. A aprendizagem de algo é, ao fim e ao cabo, o objeto visado da intencionalidade que define o uso educativo da imagem visual.

Nota-se, na correlação entre esses feixes de relações em questão, entre os domínios ontológicos, sociopolíticos e educativos, não somente a coexistência de ambos numa mesma ordem discursiva, como também um modo de correlação entre eles, característico da ordem discursiva pedagógica investigada. Em outros termos, refiro-me, aqui, não só ao lugar singular que cada um desses domínios ocupa, mas, sobretudo, ao modo como eles se relacionam entre si, na tessitura da ordem discursiva em questão. Constato que há entre eles uma hierarquia, em que a função enunciativa do ontológico predomina e regula as demais. O domínio sociopolítico, embora regulado pelo ontológico, conjuntamente com ele, determina o funcionamento do educativo. Por sua vez, no jogo possível e permitido de relações estabelecidas pelos domínios ontológico e sociopolítico, o educativo exerce seu papel específico.

Enfim, pelo exposto, parece-me que os achados acerca da existência efetiva de uma ordem discursiva sobre o uso pedagógico da imagem visual em Freire institui um campo de saber pedagógico a partir do qual se podem aferir várias contribuições para o fomento de debates, estudos e investigações sobre o uso da imagem visual em diferentes práticas educativas, realizadas em diversos espaços sociais de aprendizagem por educadores, profissionais e pesquisadores ocupados com a educação, como, por exemplo, a educação popular e a educação de jovens e adultos.

Parece-me imprescindível concluir, mesmo correndo o risco de repetir coisas já ditas por ele e por outros, que a investigação das contribuições do legado deixado por Freire para seus contemporâneos e futuras gerações acerca da questão da imagem visual na educação, em geral, e da educação popular, em

particular, assinala que há uma profunda implicação entre a imagem visual e a educação popular e daquela que funciona como uma mediação pedagógica entre realidade, conhecimento e transformação social.

Referências

- Alcantara, M. A. M. de; Carlos, E. J. (2013). Análise Arqueológica do Discurso: uma alternativa de investigação na Educação de Jovens e Adultos (EJA). *Intersecções: Revista de Estudos sobre Práticas Discursivas e Textuais*, Jundiá, 6(3/4), 59-75. Recuperado em 15 de setembro, 2018, de <...anchieta.br/unianchieta/revistas/interseccoes/ultimas_edicoes.asp>.
- Carlos, E. J. (2017). Achados sobre a noção arqueológica do discurso em Foucault. *Revista Dialectus*, 4(11), 176-191.
- Carlos, E. J.; Alcantara, R. R. V. de. (2017). Freire e o uso pedagógico da imagem visual na alfabetização de jovens e adultos. *Reflexão e Ação*. 25(2), 46-64.
- Foucault, M. (2008). *Arqueologia do Saber*. (7a ed.). Trad. Luiz Felipe Beata Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Freire, P. (1981). *Ação cultural para a liberdade*. (5a ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Romão, J. E. (2010). Paulo Freire e a imagem. In: *Educação e linguagem*, 13 (22), 77-97.